

Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado:
interfaces entre o universo fascista do Brasil e do
mundo anglo-saxão*

João Fábio Bertonha

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir as razões da incapacidade dos movimentos fascistas dos países de língua inglesa, ou seja, Estados Unidos, Canadá, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia e Inglaterra, em se tornarem movimentos de massa e se converterem em candidatos reais à conquista do poder durante a década de 30. A idéia central é recusar a idéia de que as tradições liberais desses países os vacinaram automaticamente contra o fascismo e discutir determinações outras que possam explicar a debilidade da direita radical nesses locais. Nesse ponto, é feita uma ponte com um país pertencente a um universo cultural e político completamente diverso, mas onde o fascismo também fracassou, o Brasil, de forma a fazer um exercício de história comparativa e levantar alguns elementos mais gerais sobre a história dos fascismos no mundo ocidental entre as duas guerras mundiais.

Résumé: Le but du présent article est de discuter les raisons de l'incapacité des mouvements fascistes des pays de langue anglaise, tels que les États Unis, le Canada, l'Australie, l'Afrique du Sud, la Nouvelle Zélande et l'Angleterre, de se transformer en mouvements de masse et de se convertir en candidats réels à la conquête du pouvoir durant les années 30. L'argument principal sera de refuser l'idée selon laquelle les traditions libérales de ces pays font en sorte qu'ils soient automatiquement vaccinés contre le fascisme. Nous discuterons également des autres déterminations pouvant expliquer la débilite de la droite radicale dans ces pays. Nous tenterons d'établir un lien avec le Brésil, qui appartient à un univers culturel et politique complètement différent, mais dans lequel le fascisme n'a pas réussi à s'implanter non plus. Ceci dans le but de faire un exercice d'histoire comparative en soulevant quelques éléments plus génériques sur l'histoire du fascisme dans le monde occidental durant la période d'entre les deux guerres mondiales.

Normalmente, a palavra “fascismo” é associada às figuras de Hitler e Mussolini e, por tabela, à Itália e Alemanha. Historiadores dos mais diferentes prismas teóricos trabalharam por anos,

* A pesquisa bibliográfica para o presente artigo foi realizada nos Estados Unidos (Washington), em 1997, no Reino Unido (Londres), em 1998 e, principalmente, no Canadá (Toronto e Montreal), em 2000. Agradeço à Fapesp pelo auxílio financeiro que possibilitou a primeira viagem; à Colin Lewis, que me orientou em Londres, e especialmente ao International Council of Canadian Studies, que me forneceu uma bolsa de pesquisa de curta

inclusive, para demonstrar como o fascismo seria uma “tara” desses dois países, casos especiais no mundo ocidental, e quais nações realmente civilizadas, como as anglo-saxãs, estariam imunes.

Quando saímos dos locais do fascismo mais clássico (Itália, Alemanha e Europa em geral) e falamos da presença de fascismo no Peru, no Brasil ou em algum outro país do Terceiro Mundo, habitualmente tendemos a imaginar que essa presença seria apenas mais uma prova dos infinitos defeitos dessas sociedades e contra os quais, novamente, países realmente sérios e civilizados estariam vacinados. O caso da Inglaterra, do Canadá e dos outros países anglo-saxões é sempre levantado como exemplo desses locais especiais, onde o autoritarismo fascista seria impensável.

No entanto, não corresponde à realidade uma completa ausência de fascismo nesses países. Com certeza, os movimentos fascistas no mundo de fala inglesa foram muito pequenos e não chegaram a ter grande influência, mas não consta que os povos de língua inglesa sejam os paladinos da civilidade absoluta ou vacinados contra tentações fascistas por algum dom de Deus¹.

Realmente, existe toda uma mitologia sobre como os antigos países de colonização britânica (e, em menor escala, os Estados Unidos) são naturalmente liberais, onde a liberdade da palavra e a tolerância da oposição política foram e são intocáveis, além de serem naturalmente avessos à violência. Tradições invejáveis desses países, mas que correspondem a uma meia-verdade, pois, se efetivamente são importantes, apresentam limites claros e se originam não de algum dom divino, mas de um processo histórico que pode, em certas circunstâncias, ser revertido. Resta, portanto, procurar, historicamente, razões mais razoáveis para o fracasso dos movimentos fascistas no universo anglo-saxão.

Procuraremos fazer isso neste artigo utilizando as experiências da Inglaterra, Austrália, Estados Unidos, África do Sul, Nova Zelândia e, especialmente, do Canadá. Ao mesmo tempo, faremos uma breve comparação com os dilemas do fascismo no Brasil dos anos 30. A princípio, tal comparação pareceria estranha, dado o sucesso substancialmente maior do fascismo no Brasil (ainda que ele também não tenha atingido o poder) e o fato de esses países estarem situados em áreas culturais, políticas e econômicas completamente diferentes. No entanto, como veremos, é justamente essa diferença substancial de contextos (com algumas aproximações de peso) que permite à história comparativa ser especialmente interessante para esse tema em particular.

Evidentemente, um trabalho de história comparativa não é uma resposta final e definitiva sobre os problemas aqui levantados. Ela nos fornece, porém, um instrumental interessante, permitindo que superemos os limites das histórias nacionais e façamos uma história mais integrada. Elementos que antes pareciam específicos de uma realidade podem se revelar comuns a várias, enquanto o que parecia geral pode ser matizado pela análise de experiências particulares. Essa preocupação, e o

duração para que eu pudesse pesquisar em Toronto e Montreal em agosto e setembro de 2000.

¹ Ver uma discussão sobre o mito do “excepcionalismo britânico” em MOORE (1983) e THOMPSON (1998).

esforço para trazer ao público brasileiro um aspecto da história dos países anglo saxões extremamente pouco conhecido², se constitui a justificativa para o presente trabalho.

O fascismo no Brasil: o Integralismo

Na década de 1920, a sociedade brasileira passou por muitas transformações: intensificou-se a industrialização e a urbanização do país, o operariado continuou sua luta por melhores condições de vida e as elites intelectuais se esforçaram para conseguir soluções para os problemas específicos do Brasil daquele momento. Vários desses intelectuais proclamaram a necessidade da elite pensante brasileira sair de seu isolamento e pensar na renovação da literatura e da sociedade. Um desses intelectuais foi Plínio Salgado.

Plínio Salgado, o futuro chefe supremo do Integralismo, nasceu no estado de São Paulo em 1895 e foi sempre marcado pelo nacionalismo e pela religiosidade. Escritor e jornalista brilhante, militou no Partido Republicano Paulista até 1930, sendo eleito deputado estadual em 1927. Em 1930, quando partiu para uma viagem à Europa, estava desiludido com a vida política brasileira e pronto para dar início a algo novo: o Integralismo.

A viagem de Salgado à Europa deu-lhe a oportunidade de meditar sobre sua obra e sobre a política brasileira e de ler boa parte da literatura política que circulava no continente naquele momento. Mais importante, porém, foi a sua passagem pela Itália, onde conheceu de perto o fascismo, que o maravilhou e o estimulou a tentar criar algo semelhante no Brasil. Em 1932, finalmente, fundou a Sociedade de Estudos Políticos. Desta associação, surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada oficialmente em 7/10/1932.

Entre 1932 e 1934, a AIB se organizou. Ela se tornou uma organização semimilitar, com uma milícia armada (dirigida por Gustavo Barroso), e congressos e encontros integralistas se sucederam, com o intuito de divulgar o movimento. O sucesso foi grande, e o Integralismo angariou centenas de milhares de adeptos e se tornou o primeiro movimento político de massas do Brasil. Nesse processo, ele absorveu vários pequenos movimentos fascistas extremamente frágeis que haviam surgido já nos anos 20, mas que pouco se desenvolveram, como a Legião Cruzeiro do Sul, o Partido Nacional Fascista, o Partido Nacional Sindicalista e outros.

Uma fonte importante de apoio ao Integralismo foi a população de origem italiana e alemã do Sul e Sudeste do Brasil, interessada em reafirmar sua “brasilidade” através da adesão a um movimento político extremamente nacionalista e que ainda tinha a vantagem de apresentar ideais semelhantes aos dos seus países de origem (BERTONHA, 2001). Além disso, a AIB representava o novo na política,

² O autor não tem a pretensão de ter esgotado toda a bibliografia disponível sobre o tema nos mais diferentes países do mundo. Acreditamos, porém, ter coletado material mais do que suficiente para discutir o problema. Referências extras podem ser encontradas em guias bibliográficos como o de Laqueur (1979).

fornecendo um canal de expressão para grupos relativamente esquecidos pelos partidos políticos tradicionais, como os já mencionados filhos de imigrantes, grupos regionais insatisfeitos e as classes médias em geral.

Em 1936, o movimento decidiu, apesar da opinião contrária de alguns membros, abandonar seus ideais de “movimento revolucionário” e converter-se em um partido político. Com isso, a AIB alterou sua estrutura e se lançou em febril atividade para tentar eleger muitos integralistas para cargos públicos e especialmente para eleger Plínio Salgado presidente da República nas eleições de 1937. Essa eleição, porém, jamais ocorreu, devido ao golpe de Estado de Getúlio Vargas, que criou o Estado Novo.

Em 1938, alguns integralistas acreditaram que o movimento ainda poderia contar com grandes apoios na opinião pública e nas forças armadas e decidiu dar um golpe, atacando o Palácio Presidencial de Vargas no Rio de Janeiro. O golpe falhou – devido a sua péssima organização e especialmente à lealdade dos militares ao governo – e o Integralismo foi formalmente eliminado por Vargas. Plínio Salgado refugiou-se em Portugal.

O fracasso do Integralismo em assumir o poder pode espantar. Em 1936-37, de fato, o Integralismo é um movimento com doutrina definida, grande popularidade, amigos nas Forças Armadas e no clero, eficiente propaganda etc. Como explicar, então, a maneira como terminou, ou seja, continuamente bloqueado por Vargas até sua proibição total em 1938? Por que, ao contrário dos fascistas italianos e dos nazistas, o Integralismo não assumiu o poder?

Na nossa visão, o Integralismo fracassou devido às diferenças existentes entre o Brasil e a Europa nesse período dos anos 30. O Integralismo, como seus irmãos europeus, escolheu – por ser mais viável politicamente – a via eleitoral para tentar chegar ao governo. Ao contrário do que aconteceu na Itália e Alemanha, porém, ele não contou com o apoio do Estado e das classes dirigentes para se lançar nessa corrida em direção ao poder.

O presidente Vargas de fato, se aproveitou da histeria anticomunista e da agitação social existentes no país na época – causadas, em boa parte, pela própria propaganda integralista – para canalizar para si os fundamentais apoios das elites econômicas, de políticos conservadores e das Forças Armadas. Os integralistas tinham apoiadores nesses setores, mas cada vez mais eles foram sendo absorvidos por Vargas.

A base social integralista também tinha problemas. Aparentemente, os integralistas jamais conseguiram sair dos limites das classes médias, enquanto Vargas usava a máquina do Estado para atingir tanto essas classes como o operariado. Quando Vargas lançou o seu Estado Novo e introduziu medidas de força contra o comunismo e para tentar sanar os problemas sociais, a mensagem integralista se tornou supérflua.

Recebendo os apoios que, se captados por Salgado, teriam, talvez, dado o poder ao Integralismo, Getúlio Vargas se fortaleceu no poder. Enquanto foi de seu interesse, ele se utilizou dos integralistas para seus propósitos. Quando não foi mais necessário, ele simplesmente impediu o

Integralismo de continuar existindo, desmontando-o pouco a pouco. O fracasso do fascismo brasileiro, o Integralismo, se deveu em grande parte, assim, à preferência das classes dirigentes a um regime grandemente influenciado pelo fascismo, mas conservador, como o Estado Novo de Vargas. Uma ironia da História, que revela a força das tradições autoritárias e a popularidade das soluções fascistas (ou próximas ao fascismo) no Brasil dos anos 30.

O fascismo no mundo anglo-saxão

Nos países de fala inglesa, os movimentos fascistas tiveram um desenvolvimento muito menor. Na Inglaterra, o fascismo praticamente inexistiu nos anos 20. Pequenos grupos – *British Fascisti*, *British Empire Fascists*, *Kensington Fascist Party*, *Imperial Fascist League* e outros apareceram, claramente inspirados no exemplo italiano, naqueles anos, mas eram extremamente pequenos (não mais de algumas centenas de adeptos, no total) e, segundo alguns autores (Lewis, 1987), mantinham certas características (elitismo, medo das massas, mais interesse em fazer propaganda reacionária do que em atingir efetivamente o poder etc.) que os faziam mais conservadores em roupagem fascista do que fascistas. Para esse autor, tal situação só se alterou na década de 30, quando Oswald Mosley criou o *New Party*. Outros discordam e apresentam traços de continuidade entre esses movimentos e o futuro movimento de Mosley (Shermer, 1971). Ainda assim, é possível dizer que o *New Party* representou um marco na história do fascismo britânico.

Esse grupo político não era ainda, na realidade, um partido fascista, mas suas idéias – união nacional, restauração da ordem, harmonia social – se aproximavam do universo fascista com muito mais clareza do que os grupos anteriores e este acabou por absorvê-los. Em 1932, finalmente, a conversão se completou, o *New Party* se dissolveu e em seu lugar surgiu a *British Union of Fascists*.

A BUF protagonizou grandes choques de rua com grupos de esquerda (especialmente ligados ao comunismo inglês e ao *Labour* independente) a partir de 1933 por toda a Inglaterra. Suas idéias anti-semitas, de defesa da ordem e de renovação do Império a partir de uma aliança com a Alemanha e a Itália e a destruição da URSS, chegaram a conseguir algum apoio popular (especialmente entre 1934 e 1935), especialmente entre a classe média e, por vários motivos, no East End londrino. Dezenas de milhares de ingleses vestiram, assim, as camisas negras da BUF. Não foi suficiente, contudo, para anular a hostilidade da esquerda e dos grupos dirigentes, que chegaram, via conselhos locais, a impedir suas reuniões em vários pontos do território inglês.

Oscilando entre a Itália e a Alemanha, mas caminhando cada vez mais em direção do nazismo, a BUF foi perdendo força e credibilidade no decorrer da década de 1930. De fato, à medida que suas propostas concretas para alterar a política britânica não o levavam ao poder, Mosley começou a advogar um anti-semitismo radical, próximo ao nazista, para tentar galvanizar a população em torno de seu movimento, mas obtendo um efeito contrário. Em 1939, finalmente, com o estado de guerra

entre o Reino Unido e a Alemanha, o movimento foi dissolvido e seus principais líderes, incluindo Mosley, foram encarcerados. De qualquer forma, a BUF foi a mais importante organização fascista do mundo anglo-saxão, o que se reflete na maior quantidade de material bibliográfico disponível sobre ela³.

Nos *Dominions* britânicos, efetivamente, o fascismo conseguiu sucessos ainda menores. No Canadá de fala inglesa, por exemplo, pequenos grupos fascistas apareceram já nos anos 20, normalmente inspirados pelo exemplo do fascismo italiano. Foi a partir da ascensão de Hitler ao poder, em 1933, contudo, que os adeptos da ideologia fascista no Canadá resolveram começar a se organizar em busca de maior influência na sociedade através dos *Swastika Clubs*, abertamente racistas e anti-semitas. Normalmente, os militantes eram de origem anglo-saxã, de baixa classe média e pouco numerosos.

No oeste do país, havia uma forte coletividade alemã, que havia recebido certa influência nazista. Quem fundou, naquela região, um partido de características fascistas (o *Canadian Nationalist Party*), em 1933, contudo, foram anglos liderados por William Whittaker. Ultranacionalistas, anti-semitas, anticomunistas e inspirados pelo nazismo, tentaram conseguir algum apoio do governo federal apoiando Bennett nas eleições de 1935, mas logo caíram na obscuridade, tanto que nem fascistas italianos nem nazistas se animaram a apoiá-los (Mount, 1993; Liberati, 1984).

Em Winnipeg, em 1934, Howard Simpkin liderou um racha do CNP e abriu uma filial do grupo fascista de Mosley. Pretendia-se mais fascista do que nazista, corporativista e não anti-semita. Era o *Canadian Union of Fascists*, que conseguiu algum apoio entre os anglos da região, mas que declinou rapidamente e praticamente desapareceu no final dos anos 30 (Betcherman, 1978; Robin, 1992). Alguns dos adeptos desses movimentos também foram aprisionados e vigiados durante a Segunda Guerra Mundial⁴.

Na África do Sul, seções do partido de Mosley foram instaladas nos anos 30, mas a população de língua inglesa não aderiu, em geral, às idéias fascistas. O mesmo pode ser dito da Nova Zelândia (Harcourt, 1972; Spoonley; Mason, 1981). Já na Austrália, surgiram vários movimentos abertamente de direita (mas não fascistas) a partir de 1923, como a *White Guard* e a *League of National Security*. Quem representou realmente o fascismo no país, contudo, foi o *New Guard*, criado em 1931, liderado por Eric Campbell e com idéias e simpatias abertamente fascistas, incluindo uma milícia uniformizada e contatos com Mosley, Starace e Rosenberg. Recebeu algum apoio popular e protagonizou brigas de ruas com a esquerda em Melbourne e outras cidades australianas, mas não representou realmente um candidato sério ao poder até sua dissolução em 1935 (Amos, 1976; Moore, 1989; Campbell, 1965). Na

³ Ver, por exemplo, Charnley, 1990; Cronin, 1996; Cross, 1961; Skidelsky 1975; Thurlow, 1957. O artigo de Coupland (1998) traz imensa bibliografia extra sobre Mosley e a BUF.

⁴ Ver as informações constantes nos vários artigos reunidos em Hillmer (1988) e Perin (2000).

Austrália, o fascismo continuou a ser visto como algo exótico, normalmente associado à coletividade italiana (Cresciani, 1979).

Também nos Estados Unidos o fascismo não conseguiu grande popularidade. Apesar da força da depressão econômica nos anos 30, de algumas tradições fortemente racistas e autoritárias da sociedade americana (especialmente no sul) e do estímulo alemão, as tentativas de criar um partido fascista local (como o *National Party* de Philip Johnson em 1934, a *Black Legion* de Detroit ou a *Silver Shirt Legion* de William Pelley em 1933) estacionaram no estágio embrionário. Pregadores e grupos de extrema direita, como padre Charles Coughlin, Upton Sinclair ou Francis Townsend, tiveram alguma importância (Cannistraro, 1971; Warren, 1996), mas não a ponto de ameaçar a conquista do poder (Janowitz, 1952; Schonbach, 1958).

Dentro do mundo anglo-saxão, efetivamente, o fascismo normalmente foi mais popular entre as minorias e os *outsiders* do sistema. Os descendentes de imigrantes, por exemplo, militaram muitas vezes nos fascismos locais para reafirmar sua lealdade aos seus países de nascimento, manifestar seu apreço às idéias das nações de origem dos seus pais (no caso de ítalos e germânicos) e participar politicamente num sistema que normalmente os ignorava. Isso aconteceu, por exemplo, com os descendentes de alemães e ucranianos do oeste canadense nos anos 30 (Betcherman, 1978). Já no caso dos numerosos descendentes de italianos que viviam no Canadá e especialmente nos Estados Unidos, a cooptação pelos fascismos locais se deu em alguns casos, mas numa escala infinitamente menor do que, como visto anteriormente, no Brasil. A firme cooptação dos italianos pela máquina do Partido Democrático de Franklin Roosevelt (no caso dos Estados Unidos), a fraqueza dos fascismos locais, o maior isolamento de alguns desses descendentes de italianos no mundo de fala inglesa do que no Brasil e outros pontos ajudam a explicar essa diferença.

O fascismo foi mais popular também entre grupos nativos que se sentiam minoritários e desfavorecidos, como os bôeres da África do Sul. Com efeito, movimentos simpáticos ao nazismo e ao fascismo não foram desconhecidos entre a população bôer da África do Sul, facilitando contatos com os imigrantes italianos e alemães (Sani, 1990), tentando impedir a participação sul-africana na Segunda Guerra Mundial e prenunciando o futuro *apartheid* (Furlong, 1991; Simson, 1980; Bloomberg, 1989). Também entre os quebecanos do Canadá o fascismo teve um desenvolvimento mais consistente. Mesmo se não classificarmos, como alerta Roberto Perin (1982; 1984), pessoas como Maurice Duplessis e movimentos como a *Union Nationale* como fascistas, e mesmo se evitarmos imaginar o Quebec como total e completamente fascista⁵, é difícil não ver nessa província canadense um dos pólos fascistas dentro do território do Império britânico.

Com efeito, foi no Quebec que os fascistas italianos puderam contar com mais apoio da população local inclusive depois da Guerra da Etiópia (Liberati, 1984) e onde, não por acaso, homens como Adrien Arcand ou Joseph Menard e grupos como a *Federation des Clubs Ouvriers* ou o *Parti*

National Social Chrétien tiveram um apoio minimamente consistente (Betcherman, 1978; Robin, 1992; Delisle, 1992; 1998). A cultura católica do Quebec, com seu anti-semitismo e conservadorismo, com certeza é chave para explicar essa particularidade (assim como o catolicismo apoiou firmemente a difusão do Integralismo no Brasil), mas a oposição dos franco-canandenses ao sistema político anglo com certeza também foi de importância para dar força aos *outsiders* do sistema dentro do Quebec.

Em linhas gerais, contudo, se esquecermos esses casos específicos, a palavra fracasso pode ser usada sem receio para classificar os fascismos no mundo anglo-saxão.

Discutir as razões dessa incapacidade dos movimentos fascistas em atingir o poder no mundo anglo-saxão é questão de real importância se queremos entender a própria gênese do processo que levou o fascismo ao poder, isoladamente ou em um bloco com a direita tradicional, em tantos países do mundo nos anos 30. Tradicionalmente se atribui aos efeitos da crise de 1929 na economia internacional e às tendências autoritárias de certos países europeus (notadamente a Alemanha) papel chave para explicar o pipocar de movimentos fascistas (antes inexpressivos fora da Itália) em vários países ocidentais nos anos 30 e a ascensão de Hitler ao poder. São elementos, evidentemente, de mais alta importância. Mas acabam se revelando incompletos quando confrontados com a situação dos países de língua inglesa.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os efeitos econômicos e sociais da crise de 1929 foram tão devastadores quanto na Alemanha, e anticomunismo, anti-semitismo e racismo nunca foram valores desconhecidos, pelo contrário. Assim, se seguirmos roteiros determinados apenas pelo econômico ou pelo cultural, o primeiro país do mundo a ser fascista deveria ter sido os Estados Unidos, o que não ocorreu.

Isso não significa, evidentemente, esquecer que, ao menos no mundo britânico, os efeitos da crise de 1929 foram superados com relativa brevidade, nem negar a importância das tradições liberais nos Estados Unidos e no Império britânico. Combater os direitos individuais e as liberdades civis e pregar o uso da violência era muito mais difícil, efetivamente, em países de democracia liberal consolidada, e seria ilógico esquecer esse elemento. Tanto que mesmo líderes anglo-saxões que admiravam profundamente o fascismo italiano (como Churchill na Inglaterra ou Mackenzie King no Canadá) não pensaram seriamente em transferir aquele sistema político (e muito menos o nazista) para seus países⁶. Mas não parece razoável esquecer outros fatores fundamentais que vão além do universo de valores dos povos anglos.

Um fator de importância foi a inexistência de um líder carismático do porte de Hitler, capaz de articular os vários movimentos fascistas e reunir forças para a conquista do poder. Mosley foi o que chegou mais próximo desse perfil, mas, mesmo assim, de forma pouco eficiente. Whittaker, Arcand,

⁵ Ver as observações de Sanders (1996).

⁶ Diferentemente do nazismo, o fascismo italiano foi efetivamente muito popular entre as elites dirigentes do Império britânico e dos Estados Unidos ao menos até 1935, quando a Guerra da Etiópia quebrou esse idílio. Ver análises e bibliografia a esse respeito em Bertonha (2000).

Campbell e outros, por sua vez, foram realmente de total incompetência na tarefa de reunir os diferentes grupos da direita radical e abrir negociações com outras forças conservadoras.

O crescente sentimento antifascista e especialmente antinazista que foi se desenvolvendo no mundo anglo a partir da segunda metade dos anos 30, devido à cada vez maior agressividade da Itália e da Alemanha (voltada centralmente contra as democracias ocidentais) e a associação que a opinião pública começou a fazer entre os fascismos locais e Hitler também ajudou a solapar os esforços dos fascistas desses países, vistos cada vez mais como vendidos e traidores.

A estrutura do sistema político, com certeza, também contava. No sistema bipartidário americano, por exemplo, um partido fascista teria imensas dificuldades para se afirmar. Na Inglaterra e nos *Dominions*, do mesmo modo, o equilíbrio partidário era relativamente fechado para *outsiders* como os fascistas. Não espanta, aliás, como já mencionado, que os partidos fascistas tenham cativado justamente as minorias étnicas e os grupos politicamente insatisfeitos dessas sociedades.

No caso dos Estados Unidos, além disso, parece-nos que existiam forças de direita tradicionais (a *Ku Klux Klan*, os movimentos ultraconservadores católicos etc.) capazes de canalizar os sentimentos anti-semitas, anticomunistas e racistas, sem necessariamente desembocar num partido fascista ou alimentar perspectivas de conquista do poder, o que aliviava a pressão sobre o sistema político. Além disso, como a democracia se manteve em todos os países de fala inglesa naquele momento, houve espaço para a esquerda se organizar e combater, com vários graus de eficiência, o fascismo local quando foi necessário, como mostram as batalhas de rua dos partidos de esquerda (o *Labour* e os comunistas, principalmente) contra Mosley em Londres, as manifestações do *Cooperative Commonwealth Federation* e do *Communist Party of Canada* no Canadá e as frentes de esquerda australianas contra os fascistas (Menghetti, 1981).

Mais importante que tudo, porém, foi a capacidade das elites dirigentes em manter as rédeas do poder e oferecer alternativas à sociedade. No caso americano, por exemplo, podemos até dizer que a liderança progressista de Franklin Delano Roosevelt e seu *New Deal* foi o melhor antídoto para anular quaisquer riscos de fascismo nos Estados Unidos. Nos países do Império britânico, do mesmo modo, as classes dirigentes, mesmo conservadoras, se mantiveram firmemente no poder, não dando margem, como ocorreu na Itália e Alemanha, para a chegada dos fascistas ao governo. Enquanto as classes dirigentes italianas e alemãs, assustadas por uma crise nacional sem precedentes e temendo pela sua própria sobrevivência, preferiram apostar no fascismo, as dos países anglo-saxões (assim como as escandinavas, as francesas, as argentinas e outras) se sentiram suficientemente fortes para dispensar essa alternativa. A estabilidade política e a democracia foram mantidas e o fascismo foi bloqueado pelas forças do Estado, ao invés de, como ocorreu na Itália e Alemanha, ser apoiado por elas.

Essa alternativa esteve sempre presente, porém, nas mangas da elite dominante. No Canadá, por exemplo, os conservadores de Bennett deram apoio a Arcand nas eleições de 1930 para derrotar a esquerda e mantiveram esse apoio, em níveis reduzidos, por boa parte da década. Era, porém, um

apoio dosado para evitar o crescimento exagerado do movimento de Arcand, mas, ao mesmo tempo, para mantê-lo vivo para alguma eventualidade (Betcherman, 1978). Na Austrália, igualmente, as guardas brancas, fascistas ou semifascistas, estavam sempre de prontidão para o caso de a esquerda ou os estrangeiros representarem uma ameaça (Amos, 1976; Moore, 1989). Um “Plano B” que nunca precisou ser colocado em prática, mas que poderia ter sido em caso de necessidade, o que revela os limites do “liberalismo” anglo-saxão e ocidental em geral⁷.

Conclusão

Em linhas gerais, a conclusão a que chegamos ao analisar o fracasso do fascismo no Brasil e nos países anglo-saxões é que, em que pesem as imensas diferenças de contexto, há algumas semelhanças de relevância. Os movimentos fascistas, em geral, atraíram os desajustados que não conseguiam o espaço desejado no sistema político (descendentes de imigrantes, setores da classe média, grupos étnicos minoritários) e conseguiram mobilizar apoio entre os setores conservadores da sociedade. A opção fascista não se concretizou, porém, devido à falta de capacidade e aos erros dos líderes da extrema direita; porque os sistemas políticos conseguiram bloquear a ascensão da direita e, especialmente, porque as elites de todos esses países encontraram uma opção mais conveniente e menos perigosa para a resolução dos problemas do período do que a entrega do poder aos fascistas.

Evidentemente, as tradições políticas e culturais de cada universo também foram de importância para o bloqueio do fascismo, pois o conservadorismo das elites brasileiras e a tradição liberal democrática dos anglo-saxões faziam do fascismo uma pílula que só poderia ser engolida em caso de extrema necessidade. Ao mesmo tempo, essas heranças culturais e políticas muito diversas também ajudam a explicar as alternativas diferentes ao fascismo que foram encontradas, ou seja, o reforço da democracia liberal nos países anglo-saxões e uma ditadura conservadora no Brasil. Um ponto positivo para os países de língua inglesa e que o autor lamenta que não tenha se repetido no Brasil, pois teria sido muito mais conveniente para a história da democracia brasileira o fascismo ter sido bloqueado por meio de uma liderança progressista como a de um Franklin Delano Roosevelt do que por uma liderança conservadora-populista como a de Vargas. De qualquer forma, essa experiência comparativa indica que brasileiros e canadenses ou argentinos e australianos talvez tenham mais em comum do que uma análise imediatista possa indicar.

Isso se confirma de uma forma interessante se compararmos as trajetórias de vida de homens como Arcand, Campbel ou Gustavo Barroso, todos condenados ao ostracismo político posterior por

⁷ Na Argentina, por exemplo, esse “Plano B” fascista também sempre esteve disponível para as elites oligárquicas, mas mantido em reserva devido a sua capacidade de conter as reivindicações sociais. Ver Deutsch (1999).

sua opção pela extrema direita. A similaridade das biografias de Oswald Mosley e de Plínio Salgado é, aliás, assustadora. Ambos nasceram em momentos próximos (1896 e 1895) e participaram da política institucional dentro de partidos tradicionais (O *Conservative Party* e o *Labour*, no caso de Mosley, e o *Partido Republicano Paulista*, no caso de Salgado) e teriam tido, provavelmente, uma carreira política respeitável nos anos 30 se tivessem continuado no *establishment*. A desilusão com o sistema político tradicional os levou a caminhos alternativos, fascistas, no início dos anos 30, com a criação da BUF e da AIB. Em ambos os casos, tal caminhada foi precedida por uma inspiradora viagem à Itália (em 1932 e 1931) e pela criação de uma organização protofascista anterior (o *New Party* e a Sociedade de Estudos Políticos). Apesar de muitas idéias de Salgado virem das tradições políticas e intelectuais brasileiras e as de Mosley de estudos do keynesianismo, eles concordavam com o fortalecimento do poder do Estado sobre a economia e com o colapso do liberalismo.

Ambos oscilaram entre a Alemanha e a Itália e receberam dinheiro e apoio desses países, além de se arrisarem, junto com seus adeptos, em batalhas de rua com as frentes de esquerda em acontecimentos como a “Batalha da Praça da Sé” em 1934 e o “Olympia’s meeting” no mesmo ano. Foram estigmatizados pelas opiniões públicas de seus países como “cópias de Hitler” (inclusive com semelhanças na aparência), fracassaram na tomada do poder frente aos governos constituídos (ainda que em circunstâncias diferentes) e foram presos ou exilados entre 1939 e os anos 40.

A volta à política de ambos não teve trajetórias muito distintas. Plínio Salgado reorganizou os ex-integralistas em torno do Partido de Representação Popular e teve algum sucesso em integrar esse partido ao sistema político brasileiro dos anos 50 e 60, além de colaborar ativamente com o golpe de 1964 e o regime militar (Calil, 2001). Mosley, por sua vez, reagrupou seus antigos adeptos em torno do *Union Movement* e tentou alimentar novamente a idéia fascista na Grã-Bretanha através de apelos à união da Europa contra o comunismo, o combate à imigração não-branca e à esquerda e o fortalecimento do Estado britânico (Thurlow, 1998; Poole, 1996). Com especificidades e gradações (Salgado, por exemplo, renegou seu passado fascista, enquanto Mosley o reafirmou), assim, ambos voltaram à política, mas sem o destaque do período entre guerras, e faleceram em datas muito próximas, ou seja, 1975 (Salgado) e 1980 (Mosley). Com certeza, anglo-saxões e latino-americanos podem aprender muito com aquilo que os unifica e os separa dentro da história ocidental e, provavelmente, se existe um grande botequim celestial, Mosley e Salgado, entre uma cerveja quente e uma cachaça, ainda hoje devem ter muito a dizer um para o outro.

Referências

AMOS, Keith. *The New Guard Movement, 1931-1935*. Melbourne: Melbourne University Press, 1976.

- BERTONHA, João Fábio. Observando o *littorio* do outro lado do Atlântico: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943. *Tempo – Revista de História*, n. 9, p. 155-177, 2000.
- _____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2001.
- BETCHERMAN, Lita Rose. *The Swastika and the Maple Leaf – Fascist movements in Canada in the thirties*. Toronto: Fitzhenry Whiteside, 1978.
- BLOOMBERG, Charles. *Christian nationalism and the rise of the Afrikaner Broederbond in South Africa, 1918-48*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- CALIL, Gilberto. *A formação do PRP no pós-guerra (1945-1950)*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2001.
- CAMPBELL, Eric. *The Rallying Point*. Melbourne, 1965.
- CANNISTRARO, Philip; KOVALEFF, Theodore. Father Coughlin and Mussolini: impossible allies. *Journal of Church and State*, v. 13, n. 3, p. 427-443, 1971.
- CHARNLEY, J. *Blackshirts and Roses*. London, 1990.
- COUPLAND, Philip. The Blackshirted Utopians. *Journal of Contemporary History*, v. 33, n. 2, p. 255-272, 1998.
- CRESCIANI, Gianfausto. *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945*. Roma: Bonacci, 1979.
- CRONIN, M. *The failure of British Fascism*. London: Basingstoke, 1996.
- CROSS, Colin. *The Fascists in Britain*. London: Barrie and Rockliff, 1961.
- DELISLE, Esther. *Le Traître et le juif. Lionel Groulx, le Devoir et le délire du nationalisme d'extrême droite dans la province de Québec, 1929-1939*. St. Laurent: l'Étincelle, 1992.
- _____. *Myths, memory and lies. Québec's intelligentsia and the fascist temptation, 1939-1940*. Westmount: Robert Davis, 1998.
- DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas – the Extreme right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939*. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- FURLONG, Patrick. *Between Crown and Swastika: the impact of the radical right on the Afrikaner nationalist movement in the fascist era*. Hannover, NH: University Press of New England, 1991.
- HARCOURT, David. *Everyone wants to be fuhrer: national socialism in Australia and New Zealand*. Cremorne: Angus and Robertson, 1972.
- HILLMER, Norman. *On Guard for thee: war, ethnicity and the Canadian State, 1939-1945*. Ottawa: Ottawa University Press, 1988.
- JANOWITZ, Morris. Black Legions on the march. In: AARON, Daniel. *America in crisis*. New York: Alfred Knopf, 1952.
- LAQUEUR, Walter. *Fascism: a Reader's guide*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- LEWIS, D. S. *Illusions of Grandeur – Mosley, Fascism and British society, 1931-1981*. Manchester: Manchester University Press, 1987.
- LIBERATI, Luigi Bruti. *Il Canadá, l'Italia e il fascismo*. Roma: Bonacci, 1984.

- MENGHETTI, Diane. *The Red North. The Popular Front in North Queensland*. Townsville (North Queensland): History Department – James Cook University, 1981.
- MOORE, Barrington Jr. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MOORE, Andrew. *The Secret Army and the Premier – Conservative Paramilitary Organisations in New South Wales, 1930-1932*. New South Wales: Kensington, 1989.
- MOUNT, Graeme. *Canada's enemies. Spies and spying in the peaceable kingdom*. Toronto and Oxford: Dundurn Press, 1993.
- PERIN, Roberto. Conflits d'identité et d'allegéance – La propagande du consulat italien a Montreal dans les années 1930. *Questions de Culture*, n. 2, p. 81-102, 1982.
- _____. Making good fascistas and good Canadians: consolar propaganda and the Italian community in the 1930's. In: GOLD, Gerald (ed.). *Minorities and Mother country imagery*. Newfoundland: Institute of Social and Economic Research, 1984. p. 136-158.
- PERIN, Roberto et al. *Enemies within: Italians and other internees in Canada and abroad*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- POOLE, A. Oswald Mosley and the Union Movement: success or failure? In: CRONIN, M. *The failure of British Fascism*. London: Basingstoke, 1996.
- ROBIN, Martin. *Shades of right – Nativist and fascist movements in Canada, 1920-1940*. Toronto: University of Toronto Press, 1992.
- SANDERS, W. *Jack et Jacques: l'opinion publique au Canada pendant a Deuxième Guerre Mondiale*. Montreal, 1996.
- SANI, Gabriele. *History of the Italians in South África, 1489-1989*. Edenvale: Zonderwater Block, 1990.
- SCHONBACH, Morris. Native American Fascism during the 1930's and 1940s – a study of its roots, its growth and its decline. New York: Garland, 1958.
- SHERMER, David. *Blackshirts – Fascism in Britain*. New York: Ballantines, 1971.
- SIMSOM, Howard. The social origins of Afrikaner fascism and its Apartheid policy. Uppsala: Uppsala University Press, 1980.
- SKIDELSKY, Robert. *Oswald Mosley*. London, 1975.
- SPOONLEY, Paul; MASON, E. J. *Bibliography of the extreme right in New Zealand, 1961-1981*. Palmerston North: Dept. of Sociology – Massey University, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
- THURLOW, Richard. *Fascism in Britain: a History 1918-1985*. London: Basingstoke, 1987.
- _____. "The Guardian of the Sacred Flame": the failed political resurrection of Sir Oswald Mosley after 1945. *Journal of Contemporary History*, v. 33, n. 2, p. 241-254, 1998.